

Galeria Superfície  
Rua Oscar Freire, 240  
01426-000  
São Paulo  
SP

info@  
galeriasuperficie.  
com.br

www.  
galeriasuperficie.  
com.br

#### **REALIZAÇÃO**

Galeria Superfície

#### **DIREÇÃO**

Gustavo Nóbrega

#### **CURADORIA**

Marcelo Drummond

#### **TEXTO**

Renata Marquez

#### **PRODUÇÃO**

Juliana Katayama  
Luiz Pataro  
Márcia Renó  
Maria Júlia Braz  
Guilherme Machado

#### **IMAGENS**

Lucas Galeno

#### **PROJETO GRÁFICO**

Margem

Publicação em  
ocasião da exposição  
*Território Gravado*  
de 10 Setembro a 9  
Novembro de 2019

© Galeria Superfície.  
Todos os direitos  
reservados.

GALERIA SUPERFÍCIE

TERRITÓRIO GRAVADO

10.9 –  
09.11

LOTUS  
LOBO



# LOTUS LOBO — TERRITÓRIO GRAVADO

10.9 —  
09.11  
2019

## CURADORIA: MARCELO DRUMMOND

# LOTUS LOBO E OS TERRITÓRIOS DESMEMORIADOS

## RENATA MARQUEZ

Sempre quis retornar à obra de Lotus Lobo. Fui sua aluna no início dos anos 1990 na Escola Guignard, em Belo Horizonte, onde lecionou até 1993. Aquele tempo significa para mim, mais do que um aprendizado da técnica (da litógrafa que nunca cheguei a ser), uma experiência de coletividade. Éramos um grupo de mulheres (pode ser que houvesse homens também, mas eles se apagaram de minha litomemória). Mulheres que carregavam pedras. Mulheres alquimistas que davam sólida dignidade àquelas montanhas que um dia as pedras foram. Lotus Lobo, Liliane Dardot e Thaís Helt. Às vezes cozinhávamos juntas também, fora dali, na casa de Thaís em Nova Lima, onde colhíamos ingredientes frescos no quintal e cada uma produzia sua alquimia comestível. Eu que nunca soube cozinhar e que, talvez por isso, nunca tenha sido uma boa litógrafa, recebia ali a generosidade de uma formação que hoje entendo haver sido sobre o misterioso e amplo fenômeno da aparição da imagem (um dos temas preferidos da pesquisadora de arte que tento ser).

A pedra litográfica me encantava por seu peso duplo: peso físico e peso mnemônico. Lembro-me da estante onde se guardavam as pedras no ateliê de litografia da Escola Guignard. A condição de palimpsesto da pedra conectava as próximas desenhistas que seríamos como elos de uma ancestralidade desconhecida. Preparar as pedras para redesenhar fazia com que nos confrontássemos também com a coleção de fantasmas de imagens passadas que teimavam em não desaparecer da superfície porosa de algumas das pedras.

Mas hoje percebo que o tema do misterioso fenômeno da aparição da imagem implica também nos nada misteriosos gestos de desaparecimento de imagens, nos perversos atos de apagamento de imagens, nos explícitos abandonos de imagens e na colonial fabricação de fantasmas. Gestos intencionais que conformaram e ainda conformam procedimentos políticos e históricos que (des)caracterizam a historiografia brasileira.

Aqueles teimosos fantasmas de minha memória de aprendiz, desenhos obsoletos porque já haviam sido impressos e apreciados em série, esbarram hoje com fantasmas de outro tipo, aqueles que por um lance de sorte sobreviveram ao esquecimento. Resistentes fantasmas que escaparam por pouco da extinção provocada pela displicência da desmemória industrial. Fantasmas que testemunham existências múltiplas e interconectadas que incluem ajudantes, aprendizes, desenhistas, litógrafos, letristas da arte de escrever invertido, cromistas e artistas. Arte gregária, a litografia reúne, faz conviver, ensinar e aprender, inventar junto.

Ao olhar para as matrizes litográficas comumente esquecidas em muitos rincões da indústria gráfica do país, matrizes em desuso desde as primeiras décadas do século XX, Lotus Lobo inicia uma pesquisa de vida junto aos fantasmas resistentes e próxima a outros sujeitos participantes dessa arte gregária. Cada uma das imagens contidas nas matrizes da Imprensa Oficial de Belo Horizonte e da Estamparia Juiz de Fora que a artista recolheu, acolheu e hospeda em sua casa-ateliê, foram reimpressas e constituem um singular arquivo documental da litografia industrial mineira do período entre 1920 e 1950<sup>1</sup>, cuja importância extravasa o campo da arte. Em um país cuja política historiográfica excludente e cuja fragilidade institucional de museus e

arquivos públicos fazem cultivar a amnésia, é urgente destacar e apoiar projetos de vida como esse de Lotus Lobo.

Ao olhar para as imagens, a artista compreendeu que aquelas pedras não eram matrizes a serem reaproveitadas mas imagens autônomas com as quais podia dialogar. Não se trata de apropriação, mas antes de participação naquela arte gregária, de ocupação de seu lugar no fluxo de imagens. As velhas matrizes são matrizes para novas imagens ou são, elas mesmas, imagens de si. Lotus Lobo reverte a interrupção do processo, dá continuidade à aparição das formas e estende a narrativa no tempo e no espaço. Contra a desmemória, a artista reúne, faz conviver, ensinar e aprender, inventar junto.

Todo arquivo é fragmentário e, portanto, implica certo projeto de futuro. Se cada colecionador cria ao colecionar, é igualmente importante a ação propositiva de ativar o arquivo. Lotus Lobo coleciona para poder desmembrar e desagrega para poder aproximar e, assim, fazer aparecer o traço, a palavra, o corpo, o gosto. Desloca velhas imagens e as sobrepõe a novos materiais para não ser mais possível discernirmos entre artesanania e arte.

Sua estratégia de espacialização da gravura vem, desde os anos 1960 e 1970, oferecendo fértil inquietude ao misterioso fenômeno da aparição das imagens. Em mesas, paredes e prateleiras de um gabinete de curiosidades em ação, a artista rejunta imagens e objetos para deixar falarem muitas vozes, idiomas e gestos extintos. Nascem assim, contra os monumentos supostamente consensuais e comemorativos dos fantasmas compulsórios que povoam nossos espaços públicos, novos monumentos de fantasmas resistentes que muitos teimaram em apagar mas que brigaram por aqui ficar.

As três obras inéditas criadas para esta exposição – *Prensa I*, *Prensa II*, *Registro (mulher carne)* e *Marca* – são ensaios que, ao resgatarem uma coleção de mulheres de pedra, renegociam o estatuto monumental da pedra em defesa da escrita de outras histórias. Com *Pilha*, a imagem impressa no papelão solicita o espaço do espectador e relembra a portatibilidade das embalagens antigas, repatriando imagens esquecidas agora de volta ao cotidiano de nossas casas.

A cada oportunidade editorial, Lotus Lobo reimprime em seus novos catálogos os preciosos escritos de seu interlocutor Luciano Gusmão<sup>2</sup>, falecido em 2003. Tal como uma matriz que não se desgasta no tempo, as palavras de Gusmão são precisas e afinadas. Em 1970, o autor inicia um texto sobre a obra da artista com uma pergunta flagrantemente atual: “Uma velha técnica de impressão como a litografia pode vir a ser uma nova técnica de imagem?”.

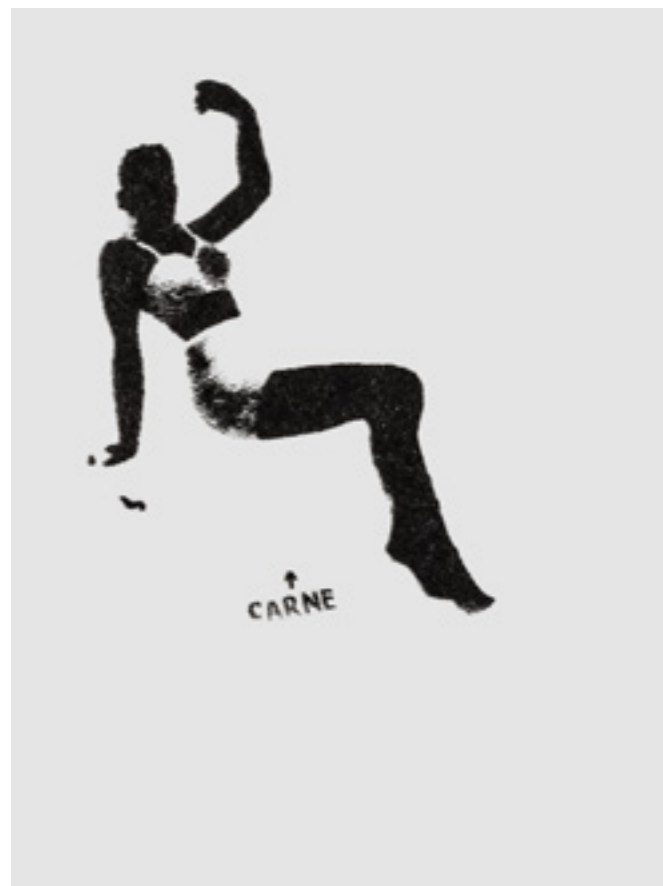
Contra a tecnologia hegemônica de um mundo que nos afoga em imagens inúteis e traiçoeiras, a estratégia de Lotus Lobo continua atual, assim como a matriz de Gusmão: “um modo imprevisível de arranjar as coisas”. Se, meio século atrás, o desafio era compreender a litografia como possível dispositivo artístico, agora nos cabe superar o fetiche desse dispositivo com o intuito de não paralisar o movimento incessante da migração de imagens que a artista nunca deixou de fazer. Pois não se trata de repetir as velhas técnicas de impressão mas de preservar as renovadas técnicas de imaginação. E, assim, os territórios gravados são territórios compartilhados.

### NOTAS

**1** Para mais informações, ver *Ulm ainda não nasceu. Viva a manteiga de Minas*, texto de Márcio Sampaio publicado no Suplemento Literário de Minas Gerais, v. 5, nº 189, p. 12, em 11 de abril de 1970. E também *A litografia em Minas Gerais*, do mesmo autor, publicado em folder na ocasião da exposição *25 anos de Litografia de Arte em Minas Gerais*, no Palácio das Artes, em junho de 1986.

**2** Para saber mais, ver os poemas e ensaios de Luciano Gusmão (1943-2003), especialmente *Marca Litográfica*, publicado em folder na ocasião da exposição de Lotus Lobo na Galeria Guignard, em 1970.

1

**Registro (mulher carne)**

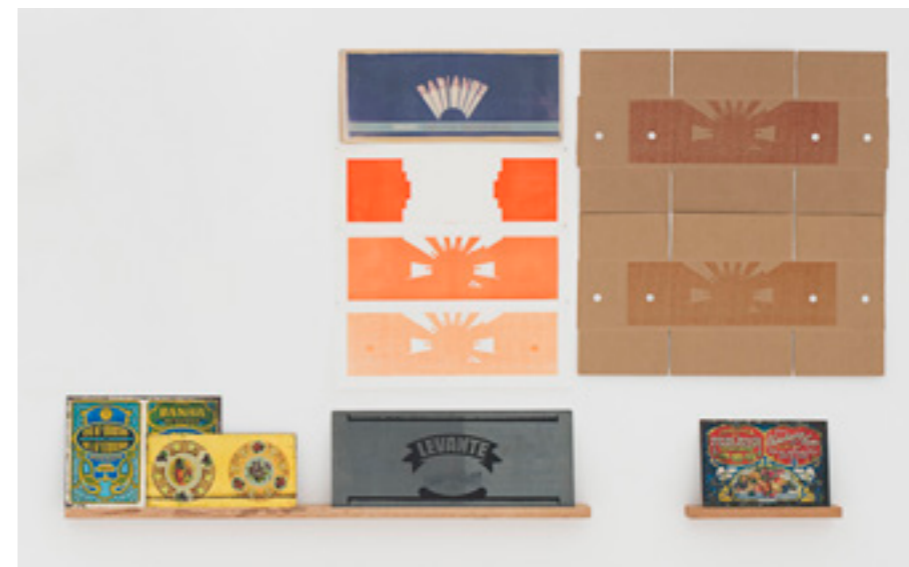
2019  
Impressão digital sobre  
plástico  
37,5 x 27,5 cm

2

**Sem Título**

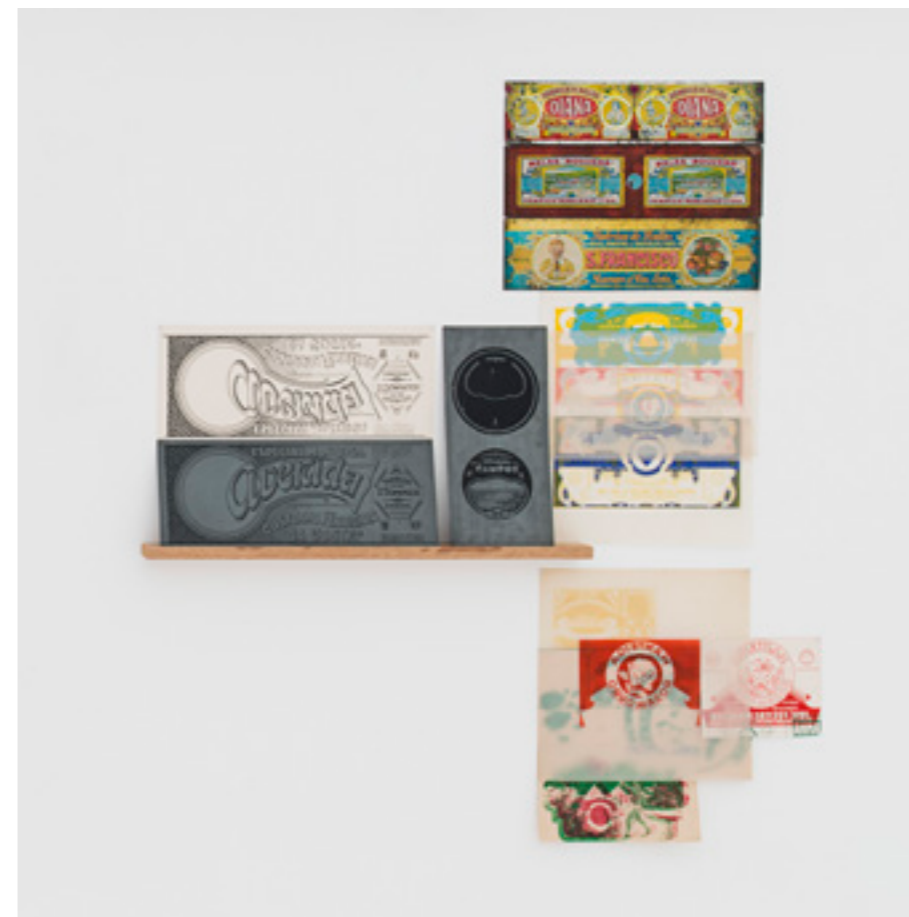
2018  
6 litografias sobre papel  
47,5 x 56 cm cada  
1 mesa em madeira  
55 x 65 x 80 cm  
1 pedra litográfica  
40 x 33 x 10 cm

3

**Sem Título**

1970-2018  
Litografia sobre papel e  
papelão, matriz de zinco,  
embalagem em folha de  
flandres e prateleira em  
madeira  
220 x 140 cm

4

**Sem Título**

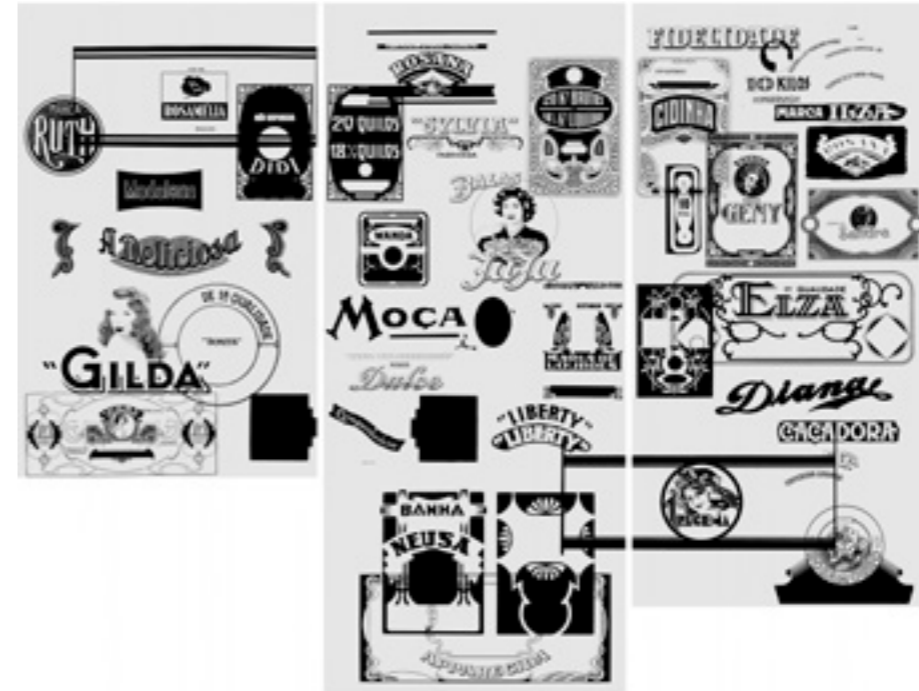
1970-2018  
Litografia sobre papel e  
papelão, matriz de zinco,  
embalagem em folha de  
flandres e prateleira em  
madeira  
195 x 185 cm

5

**Prensa I**

2019  
Pedra litográfica e  
impressão digital sobre  
papel  
17,5 × 30 × 24,5 cm

7

**Marca**

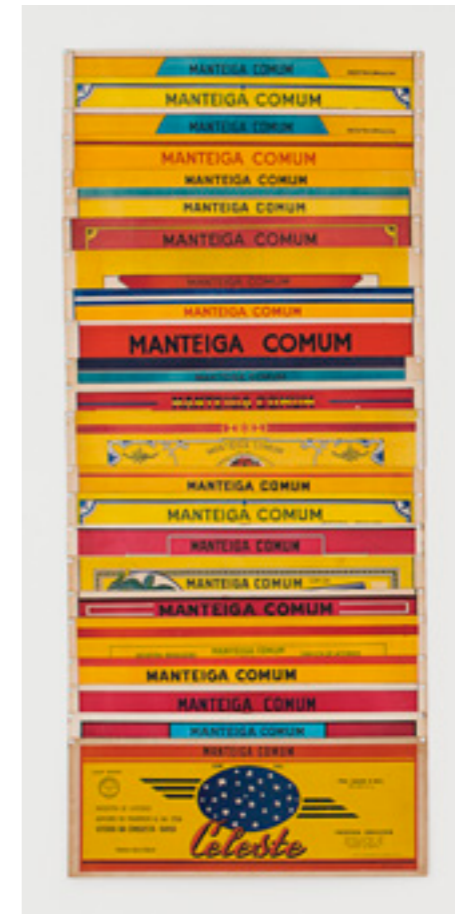
2019  
Impressão digital sobre  
plástico  
160 × 210 cm

6

**Prensa II**

2019  
Pedra litográfica e  
impressão digital sobre  
papel  
20 × 30 × 24 cm

8

**Manteiga Comum**

2018  
Impressão offset sobre  
cartão  
Estamparia Juiz de Fora  
(MG)  
160 × 71 cm

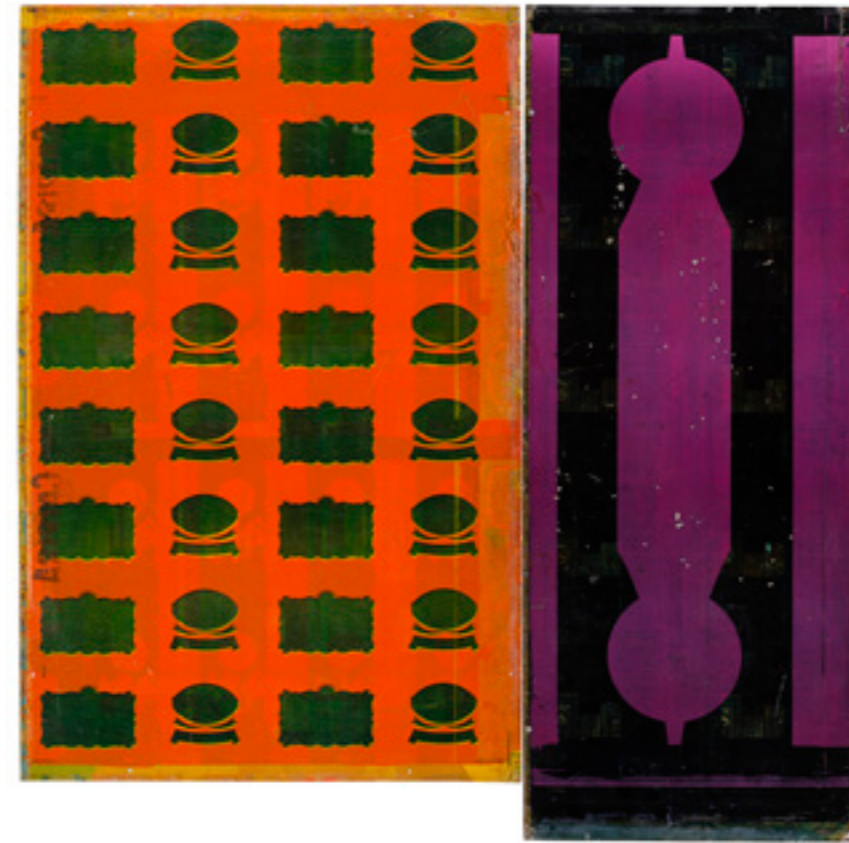
9



Maculatura,  
"da Estamparia  
Litográfica"

1970  
Folha de flandres  
62,5 × 70 cm  
62,5 × 70 cm  
56 × 70 cm

10



Maculatura,  
"da Estamparia  
Litográfica"

1970  
Folha de flandres  
71,3 × 46 cm  
77 × 30,8 cm

11



Maculatura,  
"da Estamparia  
Litográfica"

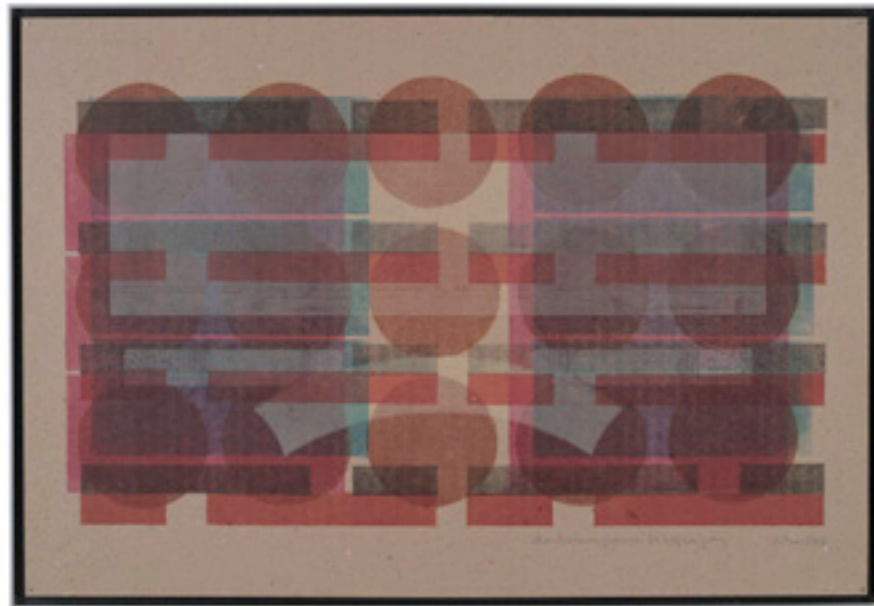
1970  
Folha de flandres  
71,5 × 46 cm

"da Estamparia  
Litográfica"

2016  
Litografia sobre  
embalagem de papelão  
161 x 354 cm



13



**"da Estamparia  
Litográfica"**

2016  
Litografia sobre cartão  
48 x 70 cm

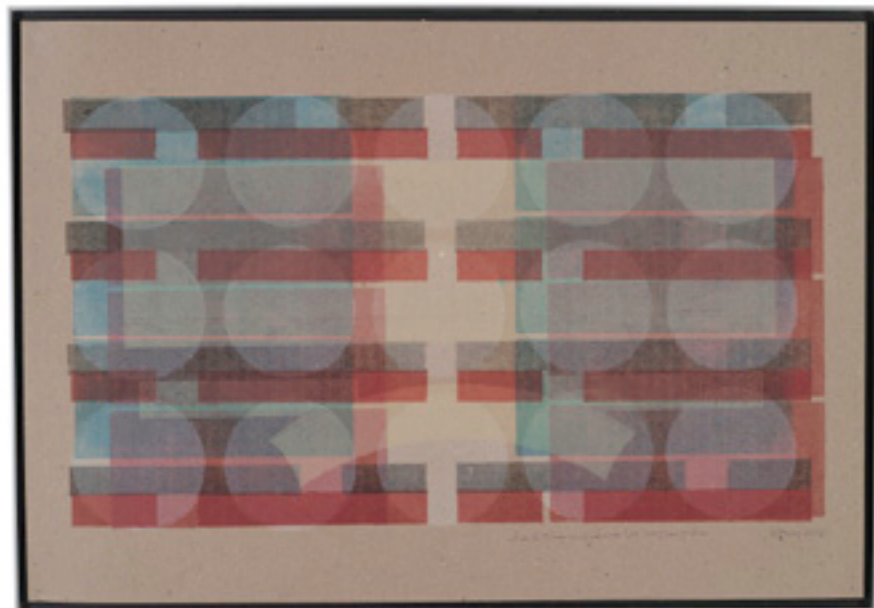
15



**Constelação**

2018  
Litografia original sobre  
cartão, papel vegetal e  
flandres  
Estamparia Juiz de Fora  
(MG)  
164 x 154 cm

14



**"da Estamparia  
Litográfica"**

2016  
Litografia sobre cartão  
48 x 70 cm

16



**Pilha**

2018  
Papeloão impresso em  
flexografia  
53 x 55 x 100 cm



17



Maculatura,  
"da Estamparia  
Litográfica"

1970  
Folha de flandres  
70 × 51 cm  
71,5 × 46 cm  
71 × 46 cm

19



Maculatura,  
"da Estamparia  
Litográfica"

1970  
Folha de flandres  
70 × 51 cm  
70,3 × 51 cm

18



Maculatura,  
"da Estamparia  
Litográfica"

1970  
Folha de flandres  
65 × 40,8 cm  
65,5 × 40,5 cm  
65 × 40,5 cm

20



Maculatura,  
"da Estamparia  
Litográfica"

1970  
Folha de flandres  
71,3 × 60,5 cm

21



Maculatura,  
"da Estamparia  
Litográfica"

1970  
Folha de flandres  
65 × 41 cm

22

**Elite**

2016  
Matriz de zinco  
Estamparia Juiz de Fora  
(MG)  
37,5 x 27,5 cm

23

**Acervo litográfico  
Lotus Lobo**

Mantimentos  
Déc. 1930-1960  
Matriz de pedra  
litográfica  
Estamparia Juiz de Fora  
(MG)  
50 x 60 x 10 cm

24

**Sem Título**

2016  
Matrizes de zinco  
Estamparia Juiz de Fora  
(MG)  
154 x 134 cm

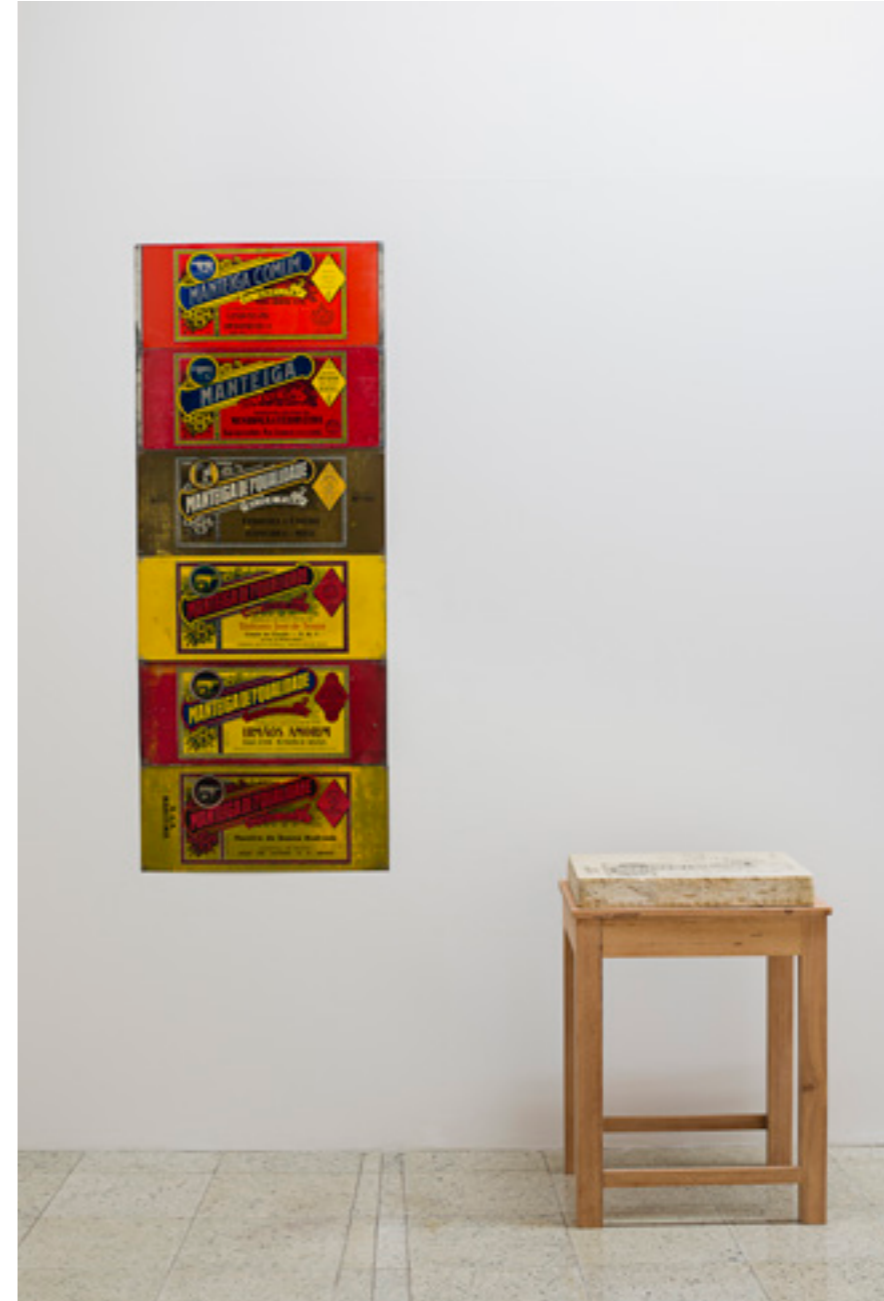
25



## Sem Título

1972  
Litografia sobre acetato  
Álbum contendo 5  
páginas  
41 x 57 cm cada

26



## Sem Título

2006-2019  
6 embalagens em folha  
de flandres  
180 x 70 cm  
1 pedra litográfica  
50 x 60 x 10 cm  
1 mesa em madeira  
50 x 60 x 10 cm

